

MEMÓRIAS DE GUERRA EM *ONDE ESTÃO AS FLORES?* DE ILKO MINEV

WAR MEMORIES IN *ONDE ESTÃO AS FLORES?* BY ILKO MINEV

Libna Keite da Silva Gama*
Alessandra F. Conde da Silva**

Resumo: Este trabalho investiga as memórias de guerra presentes no romance *Onde estão as flores?* de Ilko Minev, escritor búlgaro, radicado na Amazônia, considerando as teorias da memória e do testemunho. No romance, o búlgaro nonagenário Licco Hazan, perscrutando as suas lembranças, conta a sua história vivida em mais de quarenta anos na Amazônia e revela-se como uma vítima da catástrofe nazista, um sobrevivente de campo de trabalhos forçados na Bulgária. Para a realização deste trabalho, utilizaremos estudos de Samuel Benchimol (2008), de Regina Igel (1997), de Márcio Seligmann-Silva, de Maurice Halbwachs (2006) e outros.

Palavras-chave: Ilko Minev. Memória. Literatura judaica na Amazônia.

Abstract: This work aims to investigate the war memories present in the novel *Onde estão as flores?* by Ilko Minev, a Bulgarian writer settled in the Amazon, considering the theories of memory and testimony. In the narrative, the nonagenarian Bulgarian Licco Hazan, examining his memories, tells his story lived in more than forty years in the Amazon and reveals himself as a victim of the Nazi catastrophe, a survivor of a forced labor camp in Bulgaria. To develop this work, we will take the studies by Samuel Benchimol (2008), Regina Igel (1997), Márcio Seligmann-Silva, Maurice Halbwachs (2006) among others.

Keywords: Ilko Minev. Memory. Jewish Literature in the Amazon.

Introdução

Todos os dias somos surpreendidos por notícias que nos escandalizam e nos comovem. Episódios de violências de todas as naturezas, conflitos, corrupção, a busca insaciável por poder

* Universidade Federal do Pará, Bragança (PA), Brasil. Graduação em Letras-Língua Portuguesa (UFPA). Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia (PPLSA - UFPA). E-mail: <gamakeite@gmail.com>.

** Universidade Federal do Pará, Bragança (PA), Brasil. Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará – campus de Bragança. E-mail: <afcs77@hotmail.com>.

econômico, político, territorial, entre tantas outras ocorrências nos levam, muitas vezes, a questionar a nossa própria humanidade. Informações, em larga escala, se renovam cotidianamente, entorpecendo, muitas vezes, os nossos sentidos. No mundo pós-moderno, que precisa lidar com um caudal de informações e contradições, as tragédias e as catástrofes, algumas vezes, encontram olhos e ouvidos fechados ou desatentos. Há quem, infelizmente, naturalize catástrofes e esqueça o passado.

Não podemos deixar de pensar que o passado esquecido conduz à falta da conscientização. O romance *Onde estão as flores?* de Ilko Minev, escritor judeu sefardita¹ procura pensar e ecoar o passado. Nele, o narrador testemunha a traumática experiência dos prisioneiros judeus nos campos de trabalhos forçados, sob controle nazista, na Bulgária de 1940. No romance, há alguns capítulos que abordam o tema da guerra, relatos das ações assassinas e monstruosas dos nazistas; dos campos de concentração de trabalhos forçados e do impacto da ideologia nazifascista na Bulgária, país europeu que, antes da aliança com o eixo Alemanha, Itália e Japão, era considerado tolerante para com as diversidades culturais e religiosas (MINEV, 2014). Este artigo se propõe a estudar os capítulos II, III e IV do romance *Onde estão as flores?*, nos quais o tema de guerra ganha relevância nas memórias do sobrevivente e narrador Licco Hazan.

Em *Onde estão as flores?*, temos acesso às memórias de um sobrevivente da Segunda Grande Guerra. Neste caso, leremos as reminiscências de Licco Hazan, um judeu sefardita que testemunha a barbárie ideológica nazifascista na Bulgária. Ele procura deixar para a posteridade as suas memórias, boas e más. Como testemunha de um dos maiores crimes contra a humanidade, ele não se cala. Como fugitivo de um campo de trabalhos forçados, conseguiu refazer a vida, mas o trauma lá está. E o escritor Ilko Minev, ele próprio fugitivo do regime comunista que devastou a Bulgária em 1970, não quer que esqueçam, quer que conheçam e reflitam sobre as atrocidades cometidas pelos nazistas ou por qualquer regime de caráter totalitário, independente da ideologia seguida. Segundo Jeanne Marie Gagnebim (2006, p. 89),

os sobreviventes, aqueles que ficaram e não se afogaram definitivamente, não conseguiam esquecer-se nem que o desejassem. É próprio da experiência traumática essa impossibilidade do esquecimento, essa insistência na repetição. Assim, seu primeiro esforço consistia em tentar dizer o indizível, numa tentativa de elaboração simbólica do trauma que lhes permitisse continuar a viver e, simultaneamente, numa atitude de testemunha de algo que não podia nem devia ser apagado da memória e da consciência da humanidade.

¹ O termo sefardita provém da palavra *sefarad*, que em hebraico refere-se à Península Ibérica. As palavras *sefardita* ou *sefaradim* são utilizados para nomear os judeus oriundos dessa região (CONDE-SILVA, 2020, p. 60).

Diante da impossibilidade do esquecimento, o sobrevivente Licco Hazan sente a necessidade de narrar os acontecimentos que presenciou antes, durante e depois da Segunda Guerra Mundial, na esperança de que suas experiências “[...] contribuam para que aqueles longos e tenebrosos anos nunca sejam esquecidos e que a dor e o sofrimento não tenham sido em vão [...]” (MINEV, 2014, p. 14). Para Márcio Seligmann-Silva (2010, p. 183), “a memória da barbárie tem, portanto, também este momento iluminista: preservar contra o negacionismo, como que em uma admoestação, as imagens de sangue do passado”. Nessa perspectiva, é importante que conheçamos as lembranças de Licco Hazan. Para além disso, é imprescindível que busquemos conhecer, refletir e lembrar a História da humanidade, principalmente os eventos mais funestos, para que, assim lembrados, não voltem a acontecer em nossos dias.

Este estudo parte do entendimento de que a literatura de testemunho é, indiscutivelmente, um instrumento essencial na preservação da memória, aqui compreendida enquanto uma construção coletiva, conforme a percepção de Maurice Halbwachs (2006) que, no início do século XX, destacou a necessidade de se perceber a memória como um fator social. De acordo com o estudioso, a memória individual está interligada à memória coletiva, que por sua vez se constitui a partir das lembranças de cada indivíduo que integram uma dada coletividade.

Em vista disso, este trabalho volta-se para a análise das memórias de guerra presentes no romance *Onde estão as flores?* de Ilko Minev. Nele, concentram-se narrativas sobre o campo de trabalhos forçados de iniciativa nazifascista, na Bulgária - país de origem do autor - e que são contadas segundo as recordações do personagem-narrador Licco Hazan, um sobrevivente. Para esta análise, tomaremos por base as teorias da memória e do testemunho. Segundo Le Goff (2005, p. 469-470),

a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.

O estudo da memória presente no livro *Onde estão as flores?* é relevante porque os relatos do sobrevivente Licco Hazan ultrapassam os limites da individualidade. Trata-se do

testemunho de uma tragédia coletiva que afetou milhões de judeus – além de outras minorias – que vivenciaram os ambientes hostis dos campos de concentração nazistas. Aos sobreviventes, restou um passado traumático e insuperável, pois as recordações dos horrores foram perpetuadas em suas memórias. Esse não esquecimento deve se manifestar também na nossa memória coletiva, para que assim não esqueçamos que os extremismos ideológicos ditados por regimes totalitários produziram catástrofes como a *Shoah*². Manter a memória viva é, para Jeanne Marie Gagnebim (2006, p. 47),

tarefa altamente política: lutar contra o esquecimento e a denegação é também lutar contra a repetição do horror (que, infelizmente, se reproduz constantemente). Tarefa igualmente ética e, num sentido amplo, especificamente psíquica: as palavras do historiador [testemunha] ajudam a enterrar os mortos do passado e a cavar um túmulo para aqueles que dele foram privados. Trabalho de luto que nos deve ajudar, nós, os vivos, a nos lembrarmos dos mortos para melhor viver hoje. Assim, a preocupação com a verdade do passado se completa na exigência de um presente que, também, possa ser verdadeiro.

As reminiscências dos campos de concentração nazistas são inevitáveis aos sobreviventes. Conforme nos lembra Gagnebim (2006, p. 89), “[...] não conseguiam esquecer-se nem que o desejassem [...]”. Dessa impossibilidade do esquecimento, surge então uma necessidade elementar: o testemunho. “É preciso contar aos outros”, diz Primo Levi (1988, p. 8), um dos poucos sobreviventes de Auschwitz e que, após a libertação, dedicou-se a narrar a experiência traumática vivida no maior campo de extermínio nazista, assim reconhecido, mundialmente, tornando-se significativa referência da literatura testemunhal. Para Márcio Seligmann-Silva (2005, p. 85), a literatura de testemunho não se constitui como um gênero. Segundo ele,

nos estudos de testemunho deve-se buscar caracterizar o “*teor testemunhal*” que marca toda obra literária, mas que aprendemos a detectar a partir da concentração desse teor na literatura e escritura do século XX. Esse teor indica diversas modalidades de relação metonímica entre o “real” e a escritura [...] esse “real” não deve ser confundido com a “realidade” tal como ela era pensada e pressuposta pelo romance realista e naturalista: o “real” que nos interessa aqui deve ser compreendido na chave freudiana do *trauma*, de um evento que justamente resiste à representação. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 85).

² Segundo Regina Igel (1997, p. 212), o termo “holocausto”, popularmente utilizado para fazer referência ao genocídio dos judeus perpetrado pelos nazistas, apresenta alguns problemas de significação, na medida em que indica ‘sacrifício’ em troca de algum benefício. Neste estudo, escolhemos utilizar a palavra *Shoah*, cujo significado indica ‘catástrofe e destruição’, pois nos parece mais coerente com os crimes cometidos contra os judeus durante a Segunda Guerra Mundial, seguindo o entendimento comum nos estudos do gênero.

Nesse sentido, a literatura de teor testemunhal é um produto da nossa era de catástrofes, onde toda a história da literatura passa a ser revista a partir do questionamento da sua relação e do seu compromisso com o “real”. Na teoria literária, nos últimos anos, emergiram dois grandes campos de discurso sobre o testemunho: o *Testimonio* e o *Zeugnis*. O primeiro volta-se para o estudo do testemunho na América Latina, cujas produções literárias denunciam crimes perpetrados pelos regimes ditatoriais que assolaram o continente no século XX. No âmbito europeu, o *Zeugnis* - testemunho em alemão - refere-se aos relatos produzidos, sobretudo, por sobreviventes da *Shoah*, evento-limite que vitimou milhões de judeus em campos de extermínio nazistas durante a Segunda Guerra Mundial (SELIGMANN-SILVA, 2002).

Há ainda dois elementos de sentido do testemunho apontados por Seligmann-Silva (2005), fundamentado na teoria do testemunho de Émile Benveniste: *O superstes e o testis*. Tais conceitos voltam-se para o lugar em que a testemunha ocupa quando faz o relato de determinada experiência traumática. O *superstes* refere-se ao testemunho da experiência, narrado por um sobrevivente, considerado a testemunha por excelência; o *testis* diz respeito ao testemunho da história, no qual o narrador é um terceiro, alguém que testemunha algo que aconteceu com outrem, uma testemunha ocular. Com os avanços dos estudos acerca da literatura de teor testemunhal, surgem outras configurações de narradores, tais como a testemunha solidária, o testemunho *arbiter* e o oblíquo. Esses conceitos serão retomados no estudo do romance *Onde estão as flores?*

1. Memórias de guerra em *Onde estão as flores?* de Ilko Minev

Em *Onde estão as flores?* (2014), de Ilko Minev, o personagem-narrador Licco Hazan é um judeu que conseguiu fugir do campo de trabalhos forçados nazifascista em Somovit, na Bulgária. Ele conta a sua trajetória desde a juventude na Bulgária e as aventuras vividas na Amazônia. Junto com a sua esposa Berta, que conheceu durante a viagem de fuga, refugiam-se na Amazônia, construindo uma vida de muito trabalho e de grandes conquistas. O livro é composto por uma série de memórias do personagem narrador, que o escreve porque sente a necessidade de contar, de transmitir lembranças e lições que acumulou em mais de 90 anos. É desejo dele que seus descendentes conheçam o seu passado (MINEV, 2014).

No romance *Onde estão as flores?*, percebe-se a presença de nuances autobiográficas, uma “mistura de ficção com realidade”, assim esclarece Ilko Minev na seção de agradecimentos

presente no livro. Em vista disso, é importante, para este estudo, conhecermos algumas informações sobre a vida e sobre o referido romance do autor.

Ilko Minev é um escritor judeu búlgaro, naturalizado brasileiro. Nasceu em Sófia, capital da Bulgária, em 1946, e chegou ao Brasil, em 1972. Por motivos profissionais, logo mudou-se para Manaus, cidade em que reconstruiu sua vida e formou família. Ilko Minev, desde a infância, passou por experiências desafiadoras em seu país de origem, vivendo sob a Cortina de Ferro de 1950 a 1960. Na juventude, cursou a faculdade de Letras em Sófia. Lá, a proximidade com um grupo de dissidentes comunistas constituiu razão para ser perseguido. Refugiou-se na Bélgica, formando-se, posteriormente, em Economia, e, atendendo a uma proposta de trabalho, mudou-se para o Brasil. Escreveu, até o momento, quatro romances: *Onde estão as flores?* (2014), *A filha dos rios* (2015), *Na sombra do mundo perdido* (2018) e *Nas pegadas da Alemoa* (2021). Neles, o espaço Amazônico e a sua diversidade possuem grande protagonismo, bem como a história da imigração judaico-marroquina para a região, designada, por Samuel Benchimol (2008), como a nova terra da promessa, a *Eretz Amazônia*.

Na Amazônia, Ilko Minev é o único escritor judeu que – até o presente momento – abordou em seus romances, de modo direto, a temática da *Shoah*, escrevendo sobre um ambiente concentracionário. Os demais escritores judeus amazônicos, como por exemplo Leão Pacífico Esaguy, Myriam Scotti, Elias Salgado, Márcio Souza, escolheram não se debruçar sobre o assunto. Mady Benoliel Benzecry, Samuel Benchimol e Sultana Levy Rosenblatt apresentaram a temática de modo pouco explícito, como se pode ver em *Barracão* da escritora judia paraense Sultana Levy Rosenblatt, publicado em 1959. Quanto a isso, em “Caminhos de Sefarad”, Moacir Amâncio (2013) cita uma passagem presente em *Barracão* que a princípio pode passar despercebida. No entanto, uma leitura mais acurada, como a sugerida pelo professor Amâncio, permite-nos entender que Rosenblatt não foi indiferente à situação dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Em poucas linhas, a narradora de *Barracão*, informa que em uma embarcação, que fazia o trajeto da Europa para o Brasil, havia um grupo de judeus alemães concentrado no porão do navio. A princípio, eles são confundidos com alemães, o que poderia constituir sentimento de antipatia pelo contexto da guerra. Após a identidade dos judeus ser revelada, não lograram, contudo, simpatia do capitão que vociferou que pagassem pelo fato de “serem judeus” (ROSENBLATT, 1963, p. 111), não considerando que eles eram vítimas dos alemães. Segundo Amâncio (2013, p. 544), “o fato é que se tratava de judeus. A narradora nada informa sobre o passado deles. O leitor deve recorrer à história que dessa maneira se acrescentará à ficção de Levy [Rosenblatt], conferindo-lhe o sentido que remeterá o leitor para essa realidade distante e presente”.

Felizmente, Minev não vivenciou a monstruosa experiência dos campos de concentração nazistas. No entanto, para construir a história do seu protagonista Licco Hazan, o romancista baseou-se na vida do seu tio Licco Max Haim, um judeu austríaco que, em 1942, foi prisioneiro do campo de trabalhos forçados, em Lakatnika, na Bulgária. A administração dos campos de trabalhos forçados, na Bulgária, era de responsabilidade do governo local, uma vez que integrava o campo pró-alemão. Apesar de parte significativa dos cidadãos reconhecerem o governo búlgaro como fascista, “a Bulgária foi um dos raros países na Europa que não entregaram “seus” judeus”, como afiança Todorov (2017, p. 193). Mesmo com as perseguições, ainda era possível repudiar e protestar contra as medidas de caráter autoritário impostas ao povo judeu.

Enquanto prisioneiro, Licco Haim conseguiu produzir vídeos do interior do campo de trabalhos forçados que mostram a exaustiva rotina dele e dos demais companheiros de prisão. Os filmes possuem valor histórico imensurável³, pois são os únicos registros no mundo feitos por um judeu na condição de prisioneiro, durante a Segunda Guerra. Não se sabe explicar como ele conseguiu produzi-los, uma vez que as películas só foram encontradas depois da sua morte, em 2002.

Além dos filmes, Licco Haim deixou um diário que escreveu a bordo do navio Jamaïque, transporte utilizado por ele e por sua família, entre outros imigrantes, que escolheram refazer a vida no Brasil. Nota-se em Licco Haim uma grande preocupação em documentar suas experiências. Nesse diário, ele registra suas impressões, boas e más, da longa viagem; descreve o ambiente hostil do navio velho, superlotado e sem quaisquer condições de higiene. Assim como os filmes, o diário também foi utilizado como referência na construção do romance *Onde estão as flores?*, como se vê com clareza no sexto capítulo do livro, cujo título é “Lua de mel no Jamaïque”.

A história de Licco Haim é pouco conhecida no Brasil, daí a importância de ser contada, ainda que, em partes, ficcionalizada. Em entrevista concedida para a coleção *Vozes do Holocausto*, Salvatore Licco Haim, filho de Licco Haim e primo de Ilko Minev, relata a trajetória do pai, as dificuldades da guerra e do pós-guerra e a chegada da família no Brasil. Ele fala dos registros feitos por Haim, da importância histórica que possuem e também acerca do silenciamento de suas vivências nos campos de trabalhos forçados. Do período em que o pai esteve na condição de prisioneiro, segundo Salvatore Haim, tudo o que se conhece é o que

³ As películas produzidas por Licco Haim foram doadas ao Museu do Holocausto de Washington e estão disponíveis para visitação no seguinte endereço eletr nico: <<https://collections.ushmm.org/search/catalog/irn1000073>>.

consta nos filmes e escritos deixados por Licco. Através dos relatos de Salvatore, podemos identificar, no romance, algumas das experiências de Licco Haim.

Ao analisar o romance *Onde estão as flores?*, Tânia Sarmento-Pantoja (2020, p. 170) o classifica como “[...] romance documentário, que se apresenta nutrido por um forte teor testemunhal”, pois a história que se vê na obra é o resultado da ficcionalização da trajetória de Licco Max Haim e do autor Ilko Minev. Há, no romance, uma sobreposição de dados biográficos em diferentes momentos da narrativa. O protagonista da obra, por exemplo, é uma composição dessas duas personalidades, bem como de suas trajetórias de vida (SARMENTO-PANTOJA, 2020). Ao escrever sobre as memórias de Licco Haim, da sua passagem pelo campo de trabalhos forçados, do confisco de seus bens pelo estado por determinação de leis nazistas e do difícil processo de imigração dos judeus para outras partes do mundo, entre outros episódios comuns a tantos sobreviventes da Segunda Grande Guerra, Ilko Minev assume a posição de porta voz desses sobreviventes, o que caracteriza uma modificação do elemento do testemunho, conforme esclarece Lyslei Nascimento (2007, p. 95):

O caráter de testemunha, então, tem se modificado. Os escritores contemporâneos, que não vivenciaram a experiência da Shoah, ao escreverem e criarem a partir do passado, reelaboram os vestígios da memória, mantendo acesa a chama da lembrança através da ficção, da simulação da experiência ou da simulação de relator e copista da experiência. A urgência em manter viva uma memória alheia torna-se, em certa medida, a forma com que a experiência contemporânea pode exercer sua performance.

São exemplos dessas modificações do caráter da testemunha o testemunho oblíquo, o testemunho *arbiter* e a testemunha solidária. Devemos lembrar que Licco Hazan é criado com o objetivo de manter viva, na contemporaneidade, as memórias de Licco Haim e do próprio Ilko Minev. Licco é, no romance, uma testemunha por excelência, um *superstes*, que, tendo sobrevivido ao campo de trabalhos nazista, necessita agora contar suas experiências e ser ouvido.

Primo Levi, em *É isto um homem?*, publicado em 1947, descreve um sonho que o afligia frequentemente. Na cena traumática relatada, ele é um sobrevivente que consegue voltar para casa e que anseia contar aos mais próximos as coisas que sofreu no *Lager*, mas, para o desespero dele, as pessoas levantam, vão embora e o deixam falando sozinho. Não querem escutá-lo (LEVI, 1988). Ao compartilhar o sonho com Alberto, seu melhor amigo no campo, Levi faz uma descoberta curiosa:

Agora estou bem lúcido, recordo também que já contei o meu sonho a Alberto e que ele me confessou que esse é também o sonho dele e o sonho de muitos mais; talvez de todos. Por quê? Por que o sofrimento de cada dia se traduz, constantemente, em nossos sonhos, na cena sempre repetida da narração que os outros não escutam? (LEVI, 1988 p. 86)

O sonho de Levi e dos demais prisioneiros do campo traduzia a angústia de terem seus testemunhos ignorados ou desacreditados no futuro, mesmo diante da remota possibilidade de sobreviverem a Auschwitz-Birkenau. Situação semelhante observa-se no livro *A noite*, publicado em 1956, de autoria de Elie Wiesel, também sobrevivente do campo de Auschwitz-Birkenau e que, assim como Levi, dedicou-se a testemunhar as atrocidades dos campos de extermínios. Na obra, o medo de não ser ouvido deixa de ser um pesadelo dos prisioneiros e sobreviventes tornando-se real. Isso é perceptível no trecho em que Wiesel narra a história de Mochê Bedel, seu amigo de infância que, tendo conseguido escapar ao ser deportado da Romênia com outros judeus estrangeiros, retorna a seu país com o intuito de relatar sobre o extermínio promovido pela Gestapo na Polônia. As pessoas recusam ouvi-lo, o que o leva a silenciar:

[...] Mochê mudara muito. Seus olhos não refletiam mais alegria. Não cantarolava mais. Não me falava mais de Deus ou da Cabala, só do que tinha visto. As pessoas se recusavam não apenas a acreditar em suas histórias, mas também a ouvi-las. (...)

– Você não entende, disse com desespero. Você não pode entender. Fui salvo por milagre. Consegui voltar até aqui. De onde tirei essa força? Eu queria voltar a Sighet para contar minha morte. Para que vocês possam se preparar enquanto ainda é tempo. Viver? Não ligo mais para a vida. Sou só. Mas queria voltar e adverti-los. E veja o que acontece: ninguém me escuta...” (WIESEL, 2006, p.18-20).

Percebe-se, então, que o receio de não ter seus testemunhos validados era comum para quem experienciou as barbáries nazistas. Ao analisar o relato de Primo Levi, Gagnebin atenta para aqueles que se permitem ouvir o testemunho, dando voz ao sobrevivente. Aqueles que ficam e ouvem, assumem a posição de testemunha solidária, que também se caracteriza como uma modificação do caráter da testemunha e que representa uma ampliação do conceito de testemunha necessária, segundo propõe Jeanne Marie Gagnebin (2006, p. 57):

testemunha não é somente aquele que viu com seus próprios olhos, o *bistor* de Heródoto, a testemunha direta. Testemunha é aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa

retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente.

O escritor Ilko Minev, ao transmitir as experiências de seu tio por meio da literatura, assume a responsabilidade de uma testemunha solidária, isto é, de ecoar as vozes dos sobreviventes, conduzindo a uma conscientização e reflexão da barbárie. Existem, ainda, outras ampliações do conceito de testemunha que se originam da preocupação e da necessidade de se preservar a memória da *Shoah* para que no futuro ela não se esvaeça seguindo o fluxo natural do esquecimento após a morte dos sobreviventes. Nesse sentido, faz-se relevante citar neste trabalho a testemunha oblíqua e o testemunho *arbiter*, na medida em que o escritor Ilko Minev também se enquadra nessas duas categorias.

Para Marcelo Ferraz de Paula (2018), o testemunho oblíquo pode também ser compreendido como os “testemunhos de segundo grau” - termo emprestado de Berger e Berger, 2001; Hirsch, 2008 - e que corresponde aos testemunhos “produzidos por alguém que não sofreu diretamente os efeitos terrificantes da agressão, mas que conviveu com seus sobreviventes e foi subjetivamente impactado por suas histórias, vindo a assumir a responsabilidade ética de compartilhar suas cicatrizes” (FERRAZ DE PAULA, 2018, p. 287). Nessa perspectiva, a testemunha oblíqua é aquela que assume o compromisso de preservar a memória da testemunha de primeiro grau, a saber, o sobrevivente legítimo da *Shoah*.

Já o testemunho *arbiter* é uma categoria criada por Augusto Sarmiento-Pantoja 2019, p. 5) e, segundo o pesquisador, “se configura na narração realizada por meio da recuperação do testemunho ouvido”. Esse tipo de testemunho foi pensado para completar os tipos de testemunhos tradicionais, *testis* e *superstes*, e está muito presente nas narrativas da segunda geração por diante, isto é, nas narrativas elaboradas a partir do testemunho de sobreviventes e que, portanto, são reconstruções testemunhais de experiências de outros.

Tanto a testemunha oblíqua, quanto o *arbiter* foram pensados no intuito de legitimar os testemunhos daqueles que tiveram contato direto com sobreviventes, geralmente, familiares de testemunhas de primeiro grau. Ilko Minev, como parente de um sobrevivente da catástrofe nazista, assume a responsabilidade de preservar a memória de seu tio, Licco Haim, um judeu prisioneiro de um campo de trabalhos forçados no contexto da Segunda Grande Guerra.

Em *Onde estão as flores?*, os primeiros capítulos tratam sobre o assunto da guerra, sobretudo os capítulos II, III e VI. Neles, o protagonista da história, Licco Hazan, narra as suas memórias anteriores e posteriores à Segunda Guerra Mundial. No romance, Lico Hazan é uma testemunha autêntica dos fatos, aproxima-se, portanto, da forma de testemunho por *superstes*,

segundo explicitou Seligman-Silva (2005), ou seja, aquele que sobreviveu a um evento limite, no caso, ao campo de trabalhos forçados sob o comando nazista. Nos capítulos iniciais, o leitor é direcionado a uma sequência de episódios históricos que culminaram na Segunda Guerra Mundial. Essa estratégia de resgate dos principais acontecimentos, que se sucederam ao longo do século XX, é uma característica da narrativa de Minev. A trama é apresentada de forma dinâmica, com muitas sucessões narrativas e ricas informações históricas, como observa Alessandra F. Conde da Silva (2020) sobre o romance.

A obra apresenta um considerável número de informações históricas sobre a Segunda Guerra Mundial e as atrocidades nazistas, assim como utiliza uma linguagem simples e explicativa, além de disponibilizar imagens de mapas para auxiliar na compreensão de determinados eventos, como se vê no capítulo 2, intitulado “Bulgária”. Nele, Licco Hazan apresenta uma síntese histórica do país, das questões políticas, econômicas e territoriais que resultaram no envolvimento da Bulgária em inúmeros conflitos, como a guerra dos Balcãs; a Primeira Guerra Mundial e, mais tarde, a Segunda Grande Guerra. Nota-se em Licco Hazan a preocupação em transmitir sua experiência de forma verossímil. Ele, enquanto sujeito da rememoração, sente-se obrigado a testemunhar suas memórias. De acordo com Seligmann-Silva (2005, p. 87),

o testemunho possui um papel de aglutinador de um grupo de pessoas — antes de mais nada, em se tratando da Shoah, dos próprios judeus — que constroem a sua identidade a partir dessa identificação com essa “*memória coletiva*” de perseguições, de mortes e dos sobreviventes.

O narrador de *Onde estão as flores?* explicita o porquê de registrar sua experiência: “[...] tive sorte, sobrevivi, muitos ficaram pelo caminho. Pela memória deles, e em especial do meu amigo Salvator, de quem ainda sinto saudades, me vejo obrigado a fazer este testemunho” (MINEV, 2014, p. 13). Licco entende que o registro das suas memórias não mudará o passado traumático, mas acredita que alguns de seus ensinamentos poderão ser importantes para impedir que o presente e o futuro reproduzam catástrofes similares a que ele viveu.

No segundo capítulo, Licco Hazan relembra a sua vida na Bulgária. Ele nasceu em Sófia, capital do país, no dia 05 de março de 1920. O narrador sinaliza ao leitor com precisão que “o início do século XX não era a melhor época para se iniciar a vida naquela parte do mundo” (MINEV, 2014, p. 17). O leitor é levado, a partir dessa afirmação, a ter percepção de um cenário político completamente conflituoso. Licco ainda chama a atenção ao curioso fato de que, na Bulgária, as minorias étnicas conseguiam viver harmoniosamente com a maioria búlgara. Diz

o narrador: “[...] Em tantos anos de vida, não conheci outra cidade europeia que aparentasse tamanha diversidade e tolerância religiosa” (MINEV, 2014, p. 20). Sabe-se que a história do povo judeu é marcada por uma série de perseguições e grandes sofrimentos, por isso Licco evidencia em diferentes momentos da narrativa a importância do acolhimento dos cidadãos búlgaros.

Observa-se nesse capítulo os relatos de Licco Hazan acerca do início da perseguição dos judeus na Bulgária, motivadas por leis antijudaicas sancionadas pelo governo búlgaro. Licco conta que à época tinha 20 anos de idade e trabalhava em uma oficina de mecânica de automóveis, onde prestava serviço como aprendiz desde o seu Bar Mitzvá⁴ (MINEV, 2014). Reconhecido como o maior especialista em mecânica da região, Licco torna-se gerente do empreendimento quando a oficina é vendida a um empresário judeu muito rico, chamado Leon Farhi, personagem fundamental para o primeiro desfecho da narrativa, pois é ele quem primeiramente demonstra preocupação com as leis nazistas que entravam em vigor na Europa, como as leis de Nuremberg. Em alerta ao funcionário, Farhi compartilha seu receio de que os alemães e o novo governo fascista atrapalhem, não somente os negócios, mas também a vida dos judeus na Bulgária (MINEV, 2014, P. 26). Acerca da lei de Nuremberg, Licco explica:

[...] legislação aprovado pelo *Reichstag* em 1935, que transformava judeus e outras minorias em cidadãos de segunda categoria, párias sem direitos políticos, civis ou de qualquer outra espécie. As novas leis eram séria ameaça à liberdade e até à integridade física de todos os que não eram arianos. E, 1937, Herman Göring, o segundo homem do Reich, anunciou o fim da presença judaica na economia alemã e, em 1938, declarou que a questão judaica estava prestes a ser resolvida. Em meio a perseguições e banhos de sangue, alguns judeus tiveram a sorte de conseguir fugir da Alemanha, mas muitos outros, como se soube mais tarde, acabaram nas câmaras de gás dos campos de concentração nazistas. (MINEV, 2014, p. 26).

A barbárie contra os judeus novamente foi legitimada, assim como nos séculos XV e XVIII, quando as leis de pureza de sangue propagadas pela Igreja Católica, perseguiu e levou à morte centenas de judeus que habitavam a Península Ibérica. Segundo Samuel Benchimol (2008), milhares de judeus conversos foram queimados nas fogueiras da Inquisição; tiveram seus bens expropriados; foram convertidos à força e condenados a viver excluídos nas judiarias, onde esforçavam-se para manter o judaísmo, ainda que de modo velado. Semelhanças como essas justificam o registro das memórias de guerra de Licco Hazan: “[...] a história mostra que

⁴ Trata-se da maioridade religiosa: 13 anos para os meninos e 12 anos para as meninas. Sobre este assunto ver: REVISTA MORASHÁ – Bar Mitzvá. Seção Leis, Costumes e Tradições. São Paulo. Disponível em: <<http://www.morasha.com.br/leis-costumes-e-tradicoes/bar-mitzva.html>>.

candidatos para tais crimes sempre existiram e não faltam agora”, orienta o velho nonagenário com sapiência (MINEV, 2014, p. 14).

Licco relembra que em 1940, sob forte pressão da Alemanha nazista e de parte dos políticos búlgaros de tendência nazifascista, a Bulgária sancionou a Lei em Defesa da Nação, que apresentava grande similaridade com a lei de Nuremberg. Embora o parlamento do país tenha aprovado, a maioria dos cidadãos búlgaros não concordou com o documento. Vê-se em *Onde estão as flores?* a relevância da resistência búlgara que, apesar do governo fascista e suas políticas nefastas, não aceitou passivamente as medidas totalitárias que se implementavam no país (MINEV, 2014). É importante lembrar que, nesse contexto, em toda a Europa, as propagandas antisemitas ocorriam de forma massiva, no intuito de convencer a população de que os judeus eram pessoas “indesejáveis”, uma questão a ser resolvida, de modo que a sociedade, tomada pelo sentimento de superioridade nacionalista, agisse com indiferença às atrocidades cometidas contra os judeus (AFONSO, 2017).

Na Bulgária aconteceu o inverso. O romance informa que a resistência búlgara lutou incansavelmente, impedindo que os judeus do país fossem deportados para os campos de extermínio, o destino daqueles que eram considerados “indesejáveis”. O narrador recorda com emoção e não permite se esquecer de registrar tamanho gesto de solidariedade. Entre as ações totalitárias e antijudaicas narradas por Licco, ele também cita a perseguição política promovida pelo governo fascista búlgaro. Na obra, Leon Farhi torna-se um perseguido político, após o estado descobrir que ele financiava a resistência no combate ao fascismo na Bulgária. Como consequência, Farhi é obrigado a deixar o país e seus bens, sob eminente risco de morte. É nesse contexto que ele entrega a Licco Hazan o comando do negócio (MINEV, 2014).

Em 1941, a Bulgária aliou-se ao Eixo formado pela Alemanha, Itália e Japão, entrando definitivamente na guerra. Logo, os judeus começaram a sofrer as consequências. Assim rememora Licco Hazan: “Da noite para o dia, perdemos os direitos de propriedade e as liberdades individuais. Fomos obrigados a andar na rua carregando no peito a Estrela de David amarela, assim o restante da população saberia que éramos judeus [...]” (MINEV, 2014, p. 31). A introdução de legislações raciais específicas, como a de Defesa da Nação promulgada na Bulgária, marcaram o início do processo de categorização e extermínio dos judeus na Europa. Licco relata que em dois dias após a lei ser sancionada na Bulgária, todos os judeus do país tiveram os seus bens expropriados.

A Alemanha nazista cobrava dos seus aliados a resolução da questão judaica, que consistia na deportação de todos os judeus para os campos de extermínio, na Polónia. Na

Bulgária, não aconteceu diferente. Licco relembra que os fascistas que governavam o país tentaram viabilizar o processo de deportação. Mas se de um lado a Alemanha pressionava, do outro os cidadãos búlgaros resistiam bravamente a tais medidas extremistas. Foi então, nesse cenário conflituoso, que o governo da Bulgária, no próprio território, criou os campos de trabalhos forçados.

No capítulo 3, intitulado “Campos de trabalhos”, o narrador recorda a sua experiência no campo de concentração de trabalhos forçados. Referente ao ambiente concentracionário, em que foi prisioneiro, Licco descreve:

[...] em nada se pareciam com os campos de concentração alemães, que tanto chocaram o mundo depois do final da guerra. Na Bulgária, os judeus sofreram muito menos. É verdade que o regime de trabalho era rígido, a comida parca, e o frio, intenso. Mesmo assim a grande maioria dos prisioneiros conseguiu sobreviver (MINEV, 2014, p. 34).

A criação dos campos de trabalhos forçados, na Bulgária, foi uma medida estratégica a fim de evitar que os judeus – entre outras minorias – fossem deportados para os campos de extermínio em território polonês. Eles ficavam localizados em Somovit, no rio Danúbio e de início foram comandados pelo exército búlgaro. Na trama, Licco e seu irmão mais novo, David, foram destinados a trabalhar na construção de uma estrada e de uma ponte. Neste campo, os prisioneiros eram somente homens, devido a rotina exaustiva de trabalho. Licco acredita que a localização do campo nas proximidades do rio Danúbio foi pensada pelo governo com a intenção de transportá-los para os domínios hitleristas, pois o rio era a principal rota até o território alemão: “[...] por esse rio que grande parte dos judeus gregos e macedônicos foram primeiro à Viena e, de lá, para as câmaras de gás. Apesar de tudo, os desgraçados ainda não tinham desistido daquele plano macabro! [...]”, relembra Licco com indignação (MINEV, 2014, p. 35). Nos campos de trabalhos forçados, os judeus foram divididos por unidades, assim, Licco e David foram separados.

Das suas memórias, Licco Hazan descreve somente algumas situações específicas vividas no campo. O ex-prisioneiro não tem a intenção de contar tudo, pois rememorar tais episódios não é tarefa fácil, como ele próprio justifica: “Poderia escrever páginas e páginas para contar esse período triste do país e da minha história. Optei por narrar esta parte sem muitos detalhes, mesmo porque as lembranças ainda me deprimem e as sombras do passado voltam com força” (MINEV, 2014, p.31). É importante atentarmos ao fato de que Licco Hazan só consegue escrever sobre o passado traumático depois dos 90 anos de idade. Segundo Lyslei Nascimento (2007, p. 93),

o sobrevivente - aquele que testemunha e/ou sofre o infortúnio da violência - possui, basicamente, dois sentimentos paradoxais em relação às lembranças que podem intervir no ato de contar suas experiências. O primeiro é o do silêncio. Não contar para esquecer. Enclausurar as imagens, os sons e os cheiros do sofrimento para que o tempo se encarregue de apagá-los. O outro é narrar para se libertar.

O personagem-narrador de *Onde estão as flores?*, na velhice, busca testemunhar as suas vivências, mesmo com as limitações impostas pela memória do trauma; ele não quer assumir-se omissos diante a história (MINEV, 2014). Das experiências no campo de trabalhos forçados, Licco faz algumas descrições sobre a rotina do campo:

[...] o trabalho era pesado, e não era fácil aguentar doze horas de esforço físico extenuante, mal alimentados e sob forte calor e frio cortante. A comida era pouca e ruim, e as roupas, pouco adequadas para o trabalho pesado. Para nossa sorte, parte dos guardas não nos maltratava. Eram severos, mas era raro cometerem algum tipo de violência. (MINEV, 2014, p.36).

Referente ao ambiente concentracionário, os prisioneiros foram acomodados em barracões e, lá, durante o aprisionamento, não recebiam muitas informações sobre o mundo exterior. Das relações construídas no campo de trabalhos forçados, Licco relembra saudoso do grande amigo Salvator Mairoff e narra algumas situações que viveram juntos, entre elas, um episódio de antissemitismo em que receberam um saco com pó de ervilha seca de um camponês como ajuda humanitária e o alimento estava envenenado.

O capítulo finda com o plano de fuga que garantirá a Licco Hazan a sua sobrevivência. O judeu é convocado a apresentar-se ao comando do campo e se sente inseguro com a intimação. Neste momento, destaca-se a importância de Salvator para Licco. O narrador relembra o apoio emocional e as orientações recebidas do amigo momentos antes de se dirigir ao comandante do campo: “[...] se te fizerem algum mal, permaneça em silêncio e não responda de jeito nenhum [...]” (MINEV, 2014, p.43). Essa relação de cumplicidade em contextos concentracionários nos remete à narrativa de Primo Levi em *É isto um homem?*, quando ele escreve sobre Lourenço, seu parceiro, com quem compartilhou as mazelas do campo de extermínio. Apesar do ambiente adverso que conduzia à desumanização, Levi descreve o amigo como um homem de humanidade pura e incontaminada (LEVI, 1988). Em ambas as obras, os narradores se mostram gratos às figuras de Lourenço e Salvator, que, embora tenham padecido aos horrores nazistas, permaneceram solidárias e íntegras até o fim.

No capítulo 4, cujo título é “Albert Göring”, ocorre o desfecho da narrativa sobre a guerra: a fuga de Licco Hazan após dois longos anos como prisioneiro. O intrigante desta passagem é o fato de Albert Göring, irmão do segundo homem mais importante da Alemanha nazista, Hermann Göring, ser o responsável pela liberdade de Licco Hazan e de muitos outros judeus – daí a razão pela qual seu nome dá título ao capítulo. Seguindo um plano já elaborado por seu benfeitor, Leon Farhi, com o auxílio de Göring, Licco deixou o campo em Somovit, sob a guarda de um senhor chamado Denev, para prestar serviços de mecânica de automóveis, em Sófia.

Um episódio que merece destaque entre as memórias de Licco Hazan, neste capítulo, se passa no hotel onde o judeu hospeda-se na primeira noite após a fuga, quando, já acomodado no seu quarto, vê-se livre para fazer atividades simples de um cotidiano normal. Assim recorda ele: “[...] sem dúvida vivia um dia extraordinário, estava bem alimentado, limpo e bem vestido [...] estiquei-me na cama modesta, mas confortável [...] não sentia frio, nem calor, tinha mais espaço que precisava [...]” (MINEV, 2014, p.46). Podemos perceber nesse relato o quanto o sistema dos campos de trabalhos era desumano e traumático. Muito mais violentos foram os campos de extermínio sob comando alemão, pois os prisioneiros foram submetidos a processos de desumanização, quando, além da violência física, ficaram privados de necessidades básicas para a sua sobrevivência. Sobre isso, Primo Levi, em *É isto um homem?* (1988) diz: “[...] Quinze dias depois da chegada, já tenho a fome regulamentar, essa fome crônica que os homens livres desconhecem; que faz sonhar, à noite; que fica dentro de cada fragmento de nossos corpos” (LEVI, 1988, p.48).

Na descrição do plano de fuga de Licco, observa-se como os grupos de resistência antifascistas agiam na clandestinidade, arriscando-se no combate ao regime nazista, assim, salvando a muitos judeus. Muitas estratégias perpassavam o processo de resgate desses prisioneiros, conforme podemos verificar no seguinte diálogo de Licco Hazan e Albert Göring:

[...] Para todos os efeitos, seu nome agora é outro, e você é um búlgaro cristão ortodoxo, absolutamente legítimo. Agora vá entregar seus documentos atuais para o senhor Denev e, mais tarde, quando em Istambul, vai recebê-los de volta, junto com uma carta do senhor Farhi. [...] Não vai ser nada fácil explicar seu desaparecimento, mas preciso atender ao pedido do senhor Farhi [...]. (MINEV, 2014, p. 49).

Com a nova identidade e oficialmente considerado um fugitivo, Licco Hazan é agora um homem livre, disposto a construir nova vida longe dos terrores nazifascistas. É durante a

viagem que ele conhece sua futura esposa, Berta Michael, uma jovem judia, órfã e que compartilha dos mesmos anseios. O testemunho das experiências de Licco Hazan no contexto de guerra finda neste momento da narrativa, contudo, nos capítulos seguintes ele continua a contar suas memórias, agora sobre o recomeço da vida como homem livre na Amazônia. Esta, no entanto, é outra história.

Conclusão

Onde estão as flores? é, até o presente momento, o único romance da literatura judaica, na Amazônia, a falar claramente sobre o contexto da *Shoah*. Ilko Minev utiliza a memória como elemento principal na construção da sua narrativa. Ele a classifica como uma mistura de ficção e realidade, tendo em vista que o escritor transfere, para o personagem-narrador da trama, algumas das experiências de Licco Haim, um legítimo sobrevivente da Segunda Guerra Mundial.

Conforme observamos, o romance apresenta forte teor testemunhal. O protagonista do romance, Licco Hazan, sobreviveu ao campo de trabalhos forçados, sob o controle nazifascista, instituído na Bulgária em 1940. Logo, trata-se de um narrador que assume características de *superestes*, ou seja, é uma testemunha que viveu e relata a própria experiência. Aos noventa anos de idade, Licco Hazan busca registrar suas experiências, a fim de que elas sirvam de ensinamento para seus descendentes, além do que, percebendo a idade bem avançada e as limitações por estas impostas, entende a necessidade de escrever suas memórias, até então silenciadas pelo trauma.

Documentar o passado traumático é não se assumir omissos diante da história. Nesse contexto, compreendemos, então, que a literatura é um importante instrumento de resistência. O romance *Onde estão as flores?* ecoa a voz de denúncia e de testemunho contra os extremismos ideológicos ditados por regimes totalitários, que culminam em grandes tragédias para a humanidade. Licco Haim é essa voz, a voz dos sobreviventes e dos que não sobreviveram à *Shoah*.

Referências

AFONSO, Elaine. *A modernidade como violência e horror: a burocratização e a desumanização da vida em É isto um homem, de Primo Levi/ Elaine Afonso*. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”. Instituto de

Biociências, Letras e Ciências Exatas – São José do Rio Preto, 2017. 110 f.

AMÂNCIO, Moacir. *Caminhos de Sefarad na Literatura Brasileira*, em: Judaica Latinoamericano VII, Estudos históricos, sociais y literários, VI, Universidade Hebraica de Jerusalém, 2013, p. 537- 547.

BENCHIMOL, Samuel. *Eretz Amazônia*. Os judeus na Amazônia. Manaus: Valer, 2008.

CONDE-SILVA, ALESSANDRA F. *As mulheres judias nos romances de Ilko Minev*, em: CONDE-SILVA, Alessandra F. BENCHIMOL-BARROS, Silva Helena (Org.). Ecos sefarditas. Judeus na Amazonia. Rio de Janeiro: Talu Cultural, 2020, p. 212-229.

FERRAZ DE PAULA, Marcelo. *O testemunho oblíquo em O que os cegos estão sonhando?, de Noemi Jaffe, e Maus, de Art Spiegelman*. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. n. 55, p. 285-308, 2018, disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/10.1590/2316-40185515>>, acesso em: 21/10/2021.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

HAIM, Salvatore Licco. *História de Vida de Salvatore Licco Haim*, em: CARNEIRO, Maria Luiza TUCCI; MIZRAHI, Rachel. Coleção Vozes do Holocausto: História de Vida: refugiados do nazifacismo e sobreviventes da Shoah - Brasil: 1933-2017. São Paulo: Maayanot, 2018, Vol. 3, p. 105 - 131. Disponível em: <https://www.arqshoah.com/images/imagens/sobreviventes-testemunhos/HAIM_Salvatore_Licco.pdf>, acesso em: 08/02/2021.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

IGEL, Regina. *Imigrantes judeus, escritores brasileiros: o componente judaico na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

LE GOFF, Jacques. *Memória*, em: História e Memória. Campinas: Ed. UNICAMP, 2005.

LEVI, Primo. *É isto um homem?*. Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco Editora, 1988.

MINEV, Ilko. *Onde estão as flores?*. São Paulo: Livros de Safra, 2013.

NASCIMENTO, Lyslei. *Memórias e testemunhos: a Shoah e o dever da memória*, em: Ipotesi – Revista de estudos literários. Vol. 11, n. 2, p. 89-103, dez, 2007, disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19347>>, acesso em: 05/01/2021.

_____. *Dicionário EBJ: Ilko Minev*. Núcleo de Estudos Judaicos da UFMG. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/index.php?web=nej&lang=1&page=2854&menu=&tipo=1>, acesso em: 15/11/2020.

ROSENBLATT, Sultana. *Barracão*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Leitura S/A, 1963.

SARMENTO-PANTOJA, Augusto. *O testemunho em três vozes: Testis, Superstes e Arbiter*, em: Revista eletrônica Literatura e autoritarismo. n. 32, p. 05-18, 2018, disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5902/1679849X35461>>, acesso em: 21/09/2021.

SARMENTO-PANTOJA, Tânia. *Formas e evocações da Amazônia na escrita testemunhal de Sally Knopf e Ilko Minev*, em: CONDE-SILVA, Alessandra F. BENCHIMOL-BARROS, Silvia Helena (Org.). Ecossesefarditas. Judeus na Amazônia. Rio de Janeiro: Talu Cultural, 2020. p. 170 – 190.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *"Zeugnis e "Testimonio": um caso de intraduzibilidade entre conceitos*, em: Pandaemonium Germanicum, n. 6, p. 67-83, 2002, disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/pg/article/view/64399>>, acesso em: 19/01/2021.

_____. *Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes*, em: Proj. História. Vol. 30, p. 71-98, jun, 2005, disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2255>>, acesso em: 08/01/2021.

_____. *Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas*. Psicol. clín. [online]. Vol. 20, n.1, p. 65-82, 2008, disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-56652008000100005>>, acesso em: 21/01/2021.

_____. *O local do testemunho*, em: Tempo e Argumento: revista do programa de pós-graduação em História. Florianópolis-SC, Vol. 2, n, 1, p. 03-20, jan./jun. 2010, disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/download/1894/1532>>, acesso em: 05/11/2020.

TODOROV, Tzvetan. *Diante do extremo*. Tradução de Nícia Adan Bonatti. 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP digital, 2017.

WIESEL, Elie. *A noite*. Trad. Irene Ernest Dias. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.